

A COMPREENSÃO DA VIOLÊNCIA CONJUGAL NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Maria Gabriela Montresol Sanches¹, Máira Bonafé Sei²

THE UNDERSTANDING OF MARITAL VIOLENCE IN THE PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE:
A LITERATURE REVIEW

LA COMPRENSIÓN DE LA VIOLENCIA CONYUGAL EN LA PERSPECTIVA PSICOANALÍTICA:
UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA

Resumo: A violência conjugal pode ser compreendida por meio de diversas perspectivas e, no presente trabalho, objetivou-se compreender como este fenômeno é abordado na literatura científica psicanalítica. Para tanto, foram selecionados sete artigos disponibilizados nas bases de dados LILACS, PePSIC, SciELO e PUBMED, conforme os critérios de inclusão. Pôde-se compreender que, de maneira geral, os autores entendem o fenômeno a partir da dinâmica vincular, que abrange ambos membros do casal como participantes e mantenedores de acordos intersubjetivos que mantêm o fenômeno. A violência é demarcada quando o espaço da manifestação subjetiva de um dos membros é anulado, resultando assim na imposição de desejo de um dos membros do casal sobre o outro. Em outras perspectivas teóricas, como as que contemplam discussões de gênero, o fenômeno é compreendido como unidirecional, ou seja, as vítimas e os agressores são bem estabelecidos em um contexto e as relações de dominação são assimétricas. Outros estudos argumentam que a violência entre casais é um problema de saúde pública, com graves consequências sociais. Observa-se que a violência conjugal ainda é pouco discutida a partir da perspectiva psicanalítica, havendo um montante maior de estudos advindos de outras vertentes teóricas.

Palavras-chave: Violência conjugal. Dinâmica. Psicanálise.

Abstract: Marital violence can be understood through different perspectives and, in the present work, the objective was to understand how this phenomenon is approached in the psychoanalytic scientific literature. In order to do so, we selected seven articles available in the databases LILACS, PePSIC, SciELO and PUBMED, according to the inclusion criteria. It can be understood that, in a general way, the authors understand the phenomenon from the linking dynamics, which embraces both members of the couple as participants and maintainers of intersubjective agreements that maintain the phenomenon. Violence is demarcated when the space of the subjective manifestation of one of the members is annulled, resulting in the imposition of desire of one of the members of the couple on the other. In other theoretical perspectives, such as those that contemplate gender discussions, the phenomenon is understood as unidirectional, that is, victims and aggressors are well established in a context and the relations of domination are asymmetrical. Other studies argue that violence between couples is a public health problem, with serious social consequences. It is observed that marital violence is still little discussed from the psychoanalytic perspective, with a greater amount of studies coming from other theoretical aspects.

Keywords: Marital violence. Dynamics. Psychoanalysis.

Resumen: La violencia conyugal puede ser comprendida por medio de diversas perspectivas y, en el presente trabajo, se ha objetivado comprender cómo este fenómeno es abordado en la literatura científica psicoanalítica. Para ello, se seleccionaron siete artículos disponibles en las bases de datos LILACS, PePSIC, SciELO y PUBMED, conforme a los criterios de inclusión. Se pudo entender que, de manera general, los autores entienden el fenómeno a partir de la dinámica vincular, que abarca ambos miembros de la pareja como participantes y mantenedores de acuerdos intersubjetivos que mantienen el fenómeno. La violencia es demarcada cuando el espacio de la manifestación subjetiva de uno de

¹ Psicóloga, mestranda em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: gabsmsanches@gmail.com

² Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de São Paulo (USP), professora adjunta do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: mairabonafe@gmail.com

los miembros es anulado, resultando así en la imposición de deseo de uno de los miembros de la pareja sobre el otro. En otras perspectivas teóricas, como las que contemplan discusiones de género, el fenómeno es comprendido como unidireccional, o sea, las víctimas y los agresores están bien establecidos en un contexto y las relaciones de dominación son asimétricas. Otros estudios argumentan que la violencia entre parejas es un problema de salud pública, con graves consecuencias sociales. Se observa que la violencia conyugal sigue siendo poco discutida a partir de la perspectiva psicoanalítica, habiendo un monto mayor de estudios provenientes de otras vertientes teóricas.

Palabras clave: Violencia conyugal. Dinámica. Psicoanálisis.

Introdução

A violência conjugal não é um fenômeno novo, porém só ganhou visibilidade a partir da eclosão de movimentos feministas. Desde então, foram realizadas intervenções a fim de conscientizar a população – e principalmente as mulheres – sobre a necessidade de lutar contra esses padrões impostos pela sociedade patriarcalista que, como consequência, geravam afetação na saúde física e mental das mulheres (OLIVEIRA; GOMES, 2011).

Compreende-se a violência conjugal como um evento complexo e multifatorial, estudado e entendido a partir de diversas vertentes. Na perspectiva de Sá (2011), a violência conjugal, também conhecida como doméstica, é definida como o abuso físico, emocional ou sexual de um parceiro sobre o outro, sejam em relações conjugais atuais ou prévias. Dessa forma, entende-se que nesse processo estão envolvidos fatores culturais, sociais, pessoais e dinâmicos.

O estudo da violência conjugal tem ganhado importância no decorrer dos anos. Além de ser considerada uma violação aos direitos humanos, é também um problema de saúde pública, que têm demandado atenção por parte da assistência social e das políticas públicas (SÁ, 2011).

Grande parte da literatura internacional investiga as possíveis causalidades que resultam nesse evento. Katerndahl e outros (2014) identificaram múltiplos fatores envolvidos, dentre eles, que o consumo de álcool esteve diretamente relacionado à ocorrência da violência na população estudada. Além de haver maior probabilidade de ocorrer violência doméstica em famílias nas quais tem-se como padrão a tomada de decisões por parte dos homens, Hindin e Adair (2002) afirmam que o baixo nível econômico seria também um preditor para a violência.

O fenômeno da violência entre casais pode ser compreendido sob diversas perspectivas antropológicas: biológica, sociocultural, linguística, pré-histórica e psicológica (NEVES; ROMANELLI, 2006). A violência entendida como violência de gênero é um fenômeno social que persiste ao longo dos anos, e constitui-se como multiforme e articulada por aspectos psicológicos, morais e físicos (BANDEIRA, 2014).

Assim, as manifestações violentas podem ser entendidas como uma forma de estabelecer uma relação de submissão, dependência e medo para a mulher. A violência envolve o uso de força física ou mesmo simbólica, com o intuito de submeter a vontade e a liberdade de um sob a dominação do outro (BANDEIRA, 2014).

Outra maneira de entender o processo da violência conjugal é a partir de uma ideologia que marca a condição feminina como inferior à masculina. São discursos que definem a feminilidade e o papel feminino como reduzidos à capacidade da mulher de reproduzir e cuidar da família. Dessa forma, o sujeito feminino, considerado hierarquicamente menor, seria destituído de sua autonomia e desejos (SANTOS; IZUMINO, 2005). Assim, devido à amplitude do problema, alguns autores passaram a entender e a estudar a violência conjugal sob outra vertente, a partir da dinâmica relacional do casal, a qual interfere nos comportamentos e emoções vivenciados por ambos (MADALENA; CARVALHO; FALCKE, 2018).

No que se refere à psicanálise, ela busca discorrer sobre o processo a partir do entendimento de como o laço conjugal é estabelecido. Na perspectiva de Freud (1914), a escolha do cônjuge é decorrente de um movimento inconsciente, compreendendo que quando se escolhe um parceiro violento busca-se conservar uma relação anterior. Com isso, a escolha amorosa poderia ser de dois tipos: a primeira narcísica, que busca no outro o que se é ou o que se deseja ser e a segunda anaclítica, que se refere à busca de um objeto de amor que foi anteriormente perdido. Assim, as escolhas amorosas mostrarão que, por meio do vínculo amoroso, se tentará estabelecer uma completude com o objeto amado. Com isso, é necessário destacar que a escolha das mulheres por parceiros violentos não ocorre conscientemente, mas que se dão conforme as histórias pessoais (COSTA, 2015).

Para a psicanálise tradicional, a escolha dos parceiros amorosos e o próprio relacionar-se são compreendidos como um movimento a partir dos objetos internos e de sua dinâmica pulsional. Já na perspectiva da psicanálise vincular, o vínculo possui elementos inconscientes e é o que estabelece continuidade e descontinuidade entre os egos, inscrita em dois espaços psíquicos. Dessa forma, pode-se compreender que o estabelecimento de vínculos

envolve mecanismos projetivos de um sujeito em relação ao outro e também diferentes formas de identificação. Assim, os objetos internalizados conservam a tendência a se ligar a outros objetos, mobilizando conteúdos de ambos egos (ALMEIDA, 2014).

O vínculo conjugal é estabelecido a partir de alianças psíquicas. Além das propriedades conscientes no estabelecimento de alianças relacionais, existem processos não conhecidos denominados inconscientes, ou seja, inacessíveis ao sujeito. No estabelecimento de alianças, o sujeito identifica no outro aspectos que podem servir aos seus interesses e esse tipo de identificação com relação aos movimentos psíquicos do outro permanecem inconscientes (KAËS, 2014).

De acordo com Käes (2014, p. 43):

O objetivo das alianças inconscientes é tanto assegurar os investimentos vitais pela manutenção da relação e a existência de seus membros - elas exigem então, uma reciprocidade e uma comunidade de investimentos narcísicos e objetais - como constituir uma reciprocidade e uma comunidade de mecanismos de defesa para lidar com diversas modalidades do negativo na vida psíquica individual e coletiva. A maior parte das alianças é estabelecida com o objetivo de lidar com essa questão.

O acordo amoroso não compreende apenas o reencontro com o objeto primordial perdido e os pactos narcísicos, mas pressupõe também complementaridade e diferença. Há no estabelecimento de relações amorosas a necessidade de se estabelecer acordos entre o que é comum entre os membros e também sobre o que é incomum. Assim, os espaços e elementos compartilhados não serão apenas de um ou de outro, mas de ambos membros do casal (KÄES, 2014).

Tendo em vista tal cenário, o presente trabalho objetivou compreender, a partir de uma revisão de literatura, a maneira com que a violência conjugal é abordada na perspectiva psicanalítica.

Metodologia

A revisão da literatura foi realizada no mês de setembro de 2018, tendo-se efetuado um levantamento bibliográfico sobre a violência conjugal na perspectiva psicanalítica. A investigação foi realizada nas bases de dados Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e PUBMED. Foram utilizados os seguintes conjuntos de descritores, que poderiam estar no título ou nos resumos: casal, violência e dinâmica; psicanálise, casal e violência e suas respectivas traduções para a língua inglesa. Os descritores foram selecionados com o intuito de incluir um maior número de estudos. Os critérios de inclusão foram

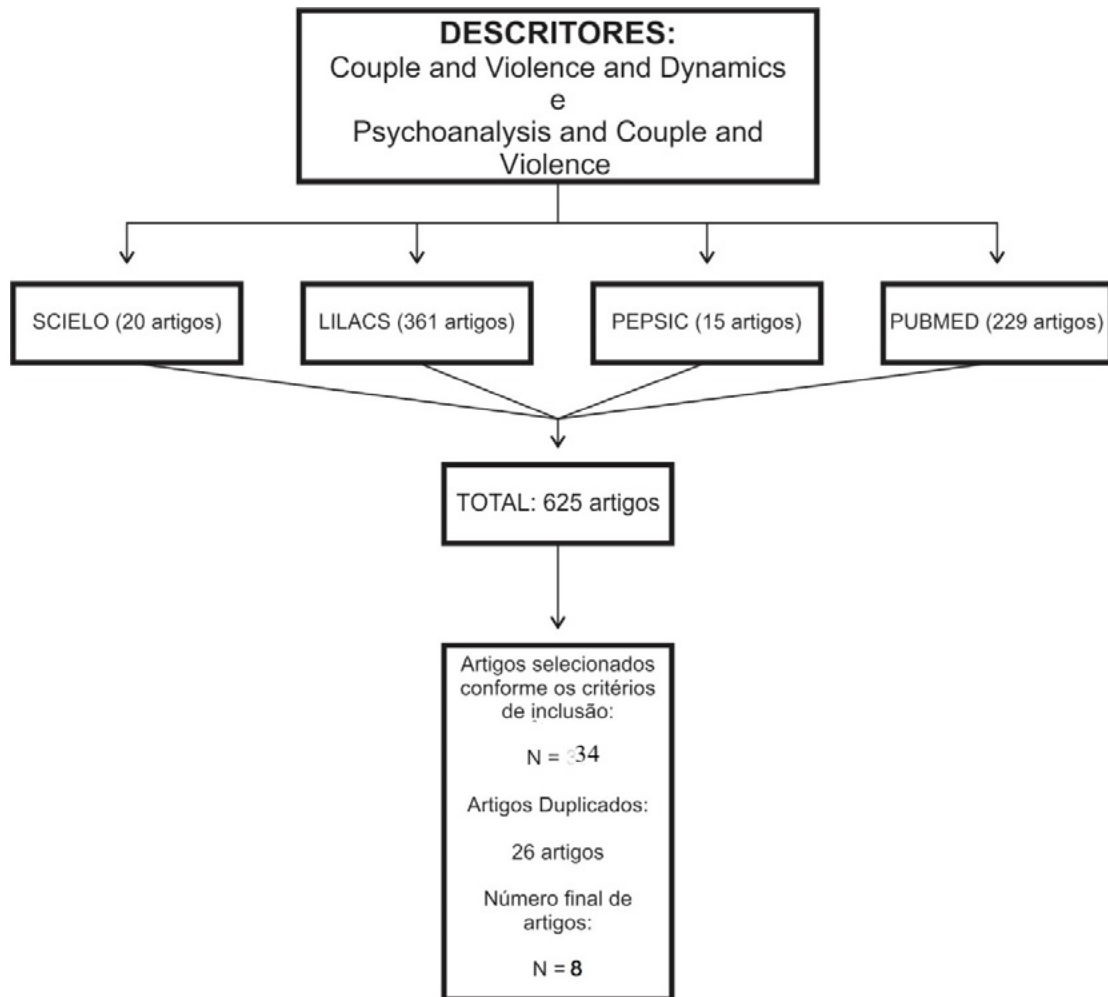
artigos científicos disponíveis *online* que abordassem a violência conjugal na perspectiva psicanalítica. Como critérios de exclusão optou-se por não incluir teses, dissertações, capítulos de livros e anais, bem como artigos que não discutissem o tema na perspectiva psicanalítica ou que não abordassem a conjugalidade.

Resultados e discussões

A busca na base de dados a partir dos descritores selecionados resultou em 625 artigos. Procedeu-se à seleção segundo os critérios de inclusão e exclusão, obtendo-se 37 estudos enquadrados nos critérios. Porém, 26 foram descartados por se repetirem nas diferentes bases de dados.

Após leitura na íntegra dos 11 textos selecionados, optou-se por descartar três estudos, dois deles por não ter embasamento psicanalítico e o outro por se tratar de violência dirigida por outros membros familiares que não o parceiro. Dessa forma, oito artigos foram selecionados, publicados entre 2001 e 2016, e considerados aptos para análise, conforme o fluxograma a seguir:

Figura I - Descritores e bases de dados



Fonte: elaboração do autor.

Tabela I - Dados dos artigos

Título	Autor	Ano	Local de Publicação
Una patología del vínculo amoroso: el maltrato a la mujer	MONDEJÁR, L. L.	2001	Madrid
Transmissão psíquica transgeracional e violência conjugal: um relato de caso	GOMES, I. C.	2005	São Paulo
La perversión en los vínculos de pareja y familia.	EIGUER, A.	2008	Buenos Aires
Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional	LEVY, L.; GOMES, I. C.	2008	Rio de Janeiro
Physical, sexual, and psychological violence in a gynaecological psychosomatic outpatient sample: prevalence and implications for mental health	LEITHNER, K. et al.	2009	Esta informação não consta.
A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade.	NEVES, A. S.; DIAS, A. S. F.; PARAVIDINI, J. L. L	2013	Rio de Janeiro

A constituição do vínculo conjugal violento: estudo de caso.	DIAS, A. S. F.; NEVES, A. S	2014	São Paulo
El sueño amoroso y sus lógicas de guerra. Notas psicoanalíticas sobre el amor, el deseo y el odio	GONZALEZ-BARRIENTOS, M.; NAPOLITANO, S.	2016	Rio de Janeiro

Fonte: elaboração do autor.

Para análise dos artigos foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, buscando-se compreender temas trazidos pelos autores em suas produções, a fim de realizar comparações, interpretações e inferências. Com isso, pode-se ressaltar semelhanças e divergências entre os textos (CASTRO; ABS; SARRIEIRA, 2011). Após análise, os textos foram separados em categorias temáticas de acordo com a perspectiva por meio da qual o tema foi abordado, quais sejam, “O amor na perspectiva psicanalítica”; “Compreensão da violência conjugal a partir de uma perspectiva social”; “A violência conjugal e a dinâmica relacional” e “A busca pós-moderna pela conjugalidade ideal”. Deve-se levar em consideração que as categorias não são excludentes, apenas foram associadas para melhor discussão.

O amor na perspectiva psicanalítica

Falar em amor envolve compreender experiências extremas e frágeis. Quando se ama, um objeto é escolhido, tanto de maneira consciente quanto inconsciente. Desse processo resulta uma condição de fragilidade e dependência, em que é impossível conhecer o outro de maneira total e ainda de possuí-lo, já que não é possível dar ao outro tudo o que é esperado (GONZALEZ-BARRIENTOS; NAPOLITANO, 2016).

Desse modo, compreende-se o amor romântico como a busca por encontrar o que foi perdido na infância e ainda uma forma bem-sucedida de lidar com o medo da solidão. Historicamente, o papel de projetar suas expectativas no parceiro e na manutenção do amor foi atribuído às mulheres. Atualmente, mesmo com a garantia de direitos femininos, a mulher é convocada a ocupar o lugar daquela que encontra a máxima satisfação na união com um homem, experimentando assim a complementaridade que implica na perda do eu, da individualidade dos membros de um casal (GONZALEZ-BARRIENTOS; NAPOLITANO, 2016).

Dentro desta perspectiva, Neves, Dias e Paravidini (2013) afirmam que o amor na psicanálise é entendido como a ilusão de encontrar no outro o objeto perdido e com ele o prazer já experimentado. Ao perceber no parceiro aspectos semelhantes ao do objeto perdido, o sujeito se lança na relação a fim de realizar o desejo de complementaridade, de maneira que o parceiro se torna essencial

para ocupar o lugar da falta. As relações conjugais tornam-se a fonte desse preenchimento, se configurando como relações marcadas pelas idealizações e expectativas irreais.

O amor dentro dessa perspectiva, como um oferecimento inteiro ao outro, implica na perda da individualidade, dos próprios sonhos e projetos. No entanto, passa-se a imagem de extrema felicidade a ser encontrada, a realização de um sonho.

Compreensão da violência conjugal a partir de uma perspectiva social

A violência conjugal também pode ser compreendida como resultante da desvalorização da mulher enquanto sujeito. Nesta perspectiva, compreende-se que ao longo do tempo foi atribuído às mulheres o papel de serem responsáveis pelo mundo emocional e pela vida em prol do cuidado do outro como um destino natural. Com isso, caberia então a manutenção da relação, a renúncia da individualidade e o apaziguamento de tensões como função feminina (NEVES; DIAS; PARAVIDINI, 2013).

Sabe-se que houve um domínio histórico de poder do homem sobre a mulher. A submissão e o papel de cuidadora e mãe eram vivenciados pela mulher como um lugar normal e bem visto. No entanto, com o desenvolvimento do movimento feminista esses papéis passaram a ser questionados e o lugar de poder reservado ao homem foi abalado. Dessa forma, as concepções da vida conjugal e a função do homem e da mulher nesse tipo de relação passaram a ter uma nova perspectiva. Finalmente, segundo Levy e Gomes (2008), as mulheres passaram a ser consideradas sujeitos assim como os homens e as diferenças fálicas começaram a ser desconstruídas (LEVY; GOMES, 2008).

Na perspectiva de Mondejar (2001), as mulheres foram inventadas pelos homens no momento em que as funções atribuídas a elas eram em prol de garantir poder ao masculino. Nesse sentido, a figura feminina seria uma representação simbólica que deveria garantir o cuidado e o suporte afetivo e sexual ao homem. Percebe-se também que as emoções foram nomeadas de maneira diferente, conforme o gênero. Para as meninas eram permitidos a manifestação de sentimentos e os comportamentos que envolviam a obediência, a passividade, a ternura e a submissão à lei. Já para meninos a agressividade,

a transgressão e a força foram autorizadas e vistas como comportamentos pertinentes.

A perda dos atributos fálicos e o questionamento dos papéis instituídos pelos homens na pós-modernidade resultou em uma exigência de igualdade entre homens e mulheres. Os discursos que exaltam a liberdade individual e a busca por prazer nas relações são confrontados muitas vezes com as dificuldades em lidar com o real da vida cotidiana. As mulheres passaram a se queixar da falta de potência fálica masculina, já que o poder historicamente esteve ligado sexualmente à dominação do homem. Já a mulher, que anteriormente não era considerada um sujeito de desejos, passou a ser desejante sexualmente. Contudo, os companheiros tiveram dificuldades em lidar com a nova posição feminina. Para se contrapor ao desejo sexual feminino, o parceiro busca atingir agressivamente a parceira a fim de poder se afirmar enquanto sujeito (LEVY; GOMES, 2008).

Embora tenham ocorrido muitas mudanças na relação entre os sexos e sobre os lugares instituídos ao homem e à mulher, permanece no imaginário popular os papéis a serem ocupados conforme o gênero. Um homem agressor é aquele que se identifica com os valores machistas de egocentrismo e agressividade e que não desenvolveu a capacidade empática. Muitas vezes renunciar à violência é visto pelo homem como a feminilização de seu papel e uma ameaça à masculinidade (MONDEJÁR, 2001).

Em relacionamentos demarcados pela agressão, o homem muitas vezes está inserido em um processo de dependência de seu objeto de amor, a mulher. No entanto, ele não se permite ser reconhecido dessa forma por ela. O agressor deposita nesta mulher as características de seu objeto de amor primordial junto às expectativas de gênero e espera que por meio dessa relação possa ser sustentado em suas angústias e dores. Assim, ele a transforma em um objeto à sua mercê e a priva de sua subjetividade, assim como ocorre na cultura patriarcal em que a mulher é reduzida em um mero objeto de prazer para o homem. Com medo de perder esse objeto, o homem passa a privar a mulher de suas relações e funções na sociedade, dessubjetivando-a para então moldá-la ao que deseja. Quando a mulher reage de uma maneira diferente do esperado, a violência emerge, sem haver espaço para o diálogo, haja vista que a mulher não é considerada sujeito nesses tipos de relações (MONDEJÁR, 2001).

Uma das principais consequências conhecidas com relação à violência conjugal é a afetação da saúde emocional dos sujeitos envolvidos, além dos danos físicos causados ao parceiro. Considerando esses fatores, Leithner e colaboradores (2009) realizaram um estudo com o intuito de verificar a possível relação entre mulheres que apresentavam transtornos psicossomáticos e a vivência de violência na vida dessas pacientes. Os resultados apontaram

um alto índice de violência sofrida por parte do cônjuge. Pode-se considerar, então, que os fatores que propiciam a incidência de violência são variados e a manutenção desse fenômeno propicia um sofrimento integral à vítima.

A violência conjugal e a dinâmica relacional

De forma geral, os autores psicanalíticos compreendem a violência conjugal a partir dos lugares ocupados tanto pelo homem quanto pela mulher nos vínculos amorosos. Apesar desses lugares serem diferentes, ambos estão implicados na evolução da violência. Assim, busca-se entender o estabelecimento e manutenção do fenômeno a partir da dinâmica conjugal, que envolve também elementos inconscientes (DIAS; NEVES, 2014).

As relações conjugais violentas podem ser nomeadas também como patológicas pois são disfuncionais e afetam a saúde emocional dos envolvidos. Para Gomes (2005), nesses vínculos amorosos ocorre um processo de dependência adesiva em que os membros se mantêm na relação em constante fusão e dependência. Os afetos trocados geralmente possuem conteúdos de violência e agressividade e quando são estabelecidos acordos entre ambos há sempre a submissão total de um dos pares ou então o desacordo no casal. Dessa forma, o relacionamento se sustenta na ausência de autonomia e subjetividade de um dos membros.

A constante agressividade demarca a perversidade nas relações. Esse tipo de relacionamento emocional geralmente é marcado por projeções persecutórias e sádicas sobre o outro. É comum que mulheres inseridas em vínculos perversos desenvolvam relações masoquistas como resultantes de uma fixação em um trauma não elaborado e como resultado estaria a perpetuação desses padrões relacionais (GOMES, 2005).

Dessa forma, as mulheres que antes eram consideradas apenas vítimas passaram a ter seu lugar analisado na dinâmica conjugal violenta. Tanto o homem quanto a mulher buscam na relação a reafirmação narcísica, no entanto ambos se deparam com a realidade que impossibilita a reafirmação constante. Tal processo produz variados afetos negativos. Além dos aspectos já conhecidos, os relacionamentos após sua constituição resultam em novas produções subjetivas que fazem com que ambos tenham que lidar com o que antes não existia (GOMES, 2005).

Outro aspecto considerado importante por Dias e Neves (2014), e que influencia no estabelecimento do vínculo conjugal violento, são as heranças psíquicas. Como o indivíduo tem a primeira inserção grupal na família, as escolhas amorosas refletem elementos desse grupo. São transmitidos elementos negativos e também positivos, que podem se apresentar de forma intergeracional. A transmissão intergeracional refere-se aos conteúdos que sofrem a metabolização psíquica e são transmitidos às

gerações posteriores. Por outro lado, a transmissão transgeracional compreende elementos não simbolizados que atravessam as gerações familiares de maneira inconsciente.

Compreende-se que há um impacto importante das heranças familiares no estabelecimento de relacionamentos conjugais. Observa-se que muitas vezes há a repetição de padrões destrutivos de relacionamentos aprendidos na infância, o que corrobora para a manutenção de um ciclo violento (GOMES, 2005).

A busca pós-moderna pela conjugalidade ideal

O laço conjugal pode ser compreendido psicanaliticamente como a ilusão de encontrar no outro o objeto primordial perdido e, junto desse objeto, a plenitude e satisfação experienciada. Quando o indivíduo encontra em um outro traço semelhante ao do objeto perdido, estabelece-se um movimento com o intuito de realizar o desejo de complementaridade, que tem por objetivo suprir a condição de falta (NEVES; DIAS; PARAVIDINI, 2013).

Apesar da condição faltante ser vivenciada desde os primórdios da constituição subjetiva, vive-se também uma situação de ambivalência, em que há o autocentramento do sujeito com suas vivências individualistas e narcísicas, características da pós-modernidade. Assim, a busca pelo outro, a fim de que a relação amorosa possa promover o preenchimento e ainda ser fonte de realização, é permeada pelo hedonismo, marca da contemporaneidade e que passa a ser valorizada na relação conjugal. Nesse sentido, percebe-se que a vivência da violência na relação conjugal emerge quando há imposição do desejo de um dos membros sobre o outro (NEVES; DIAS; PARAVIDINI, 2013).

Uma condição de perigo se instaura quando se vive os desejos de apenas um dos membros do casal, com anulação das vontades e criticidade do outro. Em relações simbióticas, a subjetividade de um dos membros não é expressada pois pode ser um risco para a perda da relação (EIGUER, 2008).

Considerações finais

Pôde-se perceber, por meio deste estudo, a escassez de artigos que discorrem sobre a violência conjugal a partir da perspectiva psicanalítica. Já com relação a outras abordagens psicológicas e dentro de outras vertentes, como a social e da saúde pública, a temática foi extensamente abordada e discutida, tanto na literatura nacional quanto na internacional. Desse modo, destaca-se os limites deste estudo, que teve acesso apenas a estudos disponibilizados em plataformas *online*.

De maneira geral, a literatura psicanalítica, ao abordar a temática, retoma o estabelecimento do vínculo amoroso como a busca de preenchimento para a falta resultante da

perda do objeto primordial. O sujeito ao entrar na relação projeta expectativas ilusórias no cônjuge. Busca-se encontrar no relacionamento a realização de desejos pessoais e narcísicos enquanto que o espaço para a manifestação subjetiva do outro é anulado. A não expressão da subjetividade demarca a imposição de desejos de um dos membros e o resultado desse processo é a violência.

A compreensão da violência sob a perspectiva social não descarta tal fenômeno, mas dá ênfase ao fato de historicamente a renúncia do espaço subjetivo e de desejos pessoais serem atribuídos às mulheres, as quais sempre tiveram o dever de cuidar e manter o relacionamento. Sabe-se que uma das marcas contemporâneas é a valorização do hedonismo, desta forma, a busca por prazer oferecida pela sociedade consumista passa a ser projetada nos relacionamentos amorosos, que o torna insustentável e ainda fonte de frustrações.

Por fim, pode-se concluir que a perspectiva psicanalítica explora diferentes vertentes sobre a instauração da violência no vínculo conjugal, mas todos os estudos, de maneira geral, contemplam que o estabelecimento da violência ocorre quando o espaço para a manifestação da subjetividade do outro é anulado. É necessário considerar que mais estudos devem ser realizados para que se possa ter uma conclusão mais ampla sobre a temática.

Referências

- ALMEIDA, T. Processo da escolha conjugal sob a perspectiva da psicanálise vincular. *Pensando famílias*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 3-18, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100002&lng=pt&lng=pt. Acesso em: 02 nov. 2018.
- BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, maio/ago. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008&lng=pt&lng=pt. Acesso em: 04 abr. 2019.
- CASTRO, T. G.; ABS, D.; SARRIEIRA, J. C. Análise de conteúdo em pesquisas em psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Porto Alegre, v. 31, n. 4, p. 814-825, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000400011>. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000400011&lng=pt&lng=pt. Acesso em: 04 abr. 2019.

- COSTA, M. M. *Violência conjugal: uma leitura psicanalítica*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, 2015. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/2893>. Acesso em: 04 abr. 2019.
- DIAS, A. S. F.; NEVES, A. S. A constituição do vínculo conjugal violento: estudo de caso. *Vínculo*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 8-15, jun. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902014000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 nov. 2018.
- EIGUER, A. La perversión en los vínculos de pareja y familia. *Subjetividad y procesos cognitivos*, Buenos Aires, v. 12, p. 46-60, 2008. Disponível em: <http://dspace.uces.edu.ar:8180/xmlui/handle/123456789/456>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 81-108. (A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos, v. 14).
- GOMES, I. C. Transmissão psíquica transgeracional e violência conjugal: um relato de caso. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 55, n. 123, p. 177-188, dez. 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 05 nov. 2018.
- GONZALEZ-BARRIENTOS, M.; NAPOLITANO, S. El sueño amoroso y sus lógicas de guerra. Notas psicoanalíticas sobre el amor, el deseo y el odio. *Psicología Clínica*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 93-116, 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291052546006>. Acesso em: 01 nov. 2018.
- HINDIN M. J.; ADAIR L. S. Who's at risk? Factors associated with intimate partner violence in the Philippines. *Social Science & Medicine*, Oxford, v. 55, n. 8, p. 1385-1399, 2002. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/?term=Who%2%80%99s+at+risk%3F+Factors+associated+with+intimate+partner+violence+in+the+Philippines>. Acesso em: 30 Oct. 2018.
- KAËS, R. *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.
- KATERNDAHL D. et al. Webs of causation in violent relationships. *Journal of Evaluation in Clinical Practice*, Oxford, v. 20, n. 5, p. 703-710, 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jep.12259>. Acesso em: 04 abr. 2019.
- LEITHNER, K. et al. Physical, sexual, and psychological violence in a gynaecological psychosomatic outpatient sample: prevalence and implications for mental health. *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology*, n. 144, p. 168-172, 2009. DOI: 10.1016/j.ejogrb.2009.03.003. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19349105>. Acesso em: 4 abr. 2019.
- LEVY, L.; GOMES, I. C. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 163-172, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200012&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 04 abr. 2019.
- MADALENA, M.; CARVALHO, L. F.; FALCKE, D. Intimate partner violence: the predictive power of experiences in the family of origin and of personality disorder traits. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 26, n. 1, p. 75-91, mar. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2018.1-04Pt>. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X201800100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 abr. 2019.
- MONDEJÁR, L. L. Una patología del vínculo amoroso: el maltrato a la mujer. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, Madrid, v. 21, n. 77, p. 7-26, 2001. Disponível em <http://www.revistaaen.es/index.php/aen/article/view/15743/15602>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- NEVES, A. S.; DIAS, A. S. F.; PARAVIDINI, J. L. L. A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 73-87, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000200005. Acesso em: 02 nov. 2018.

NEVES, A. S.; ROMANELLI, G. A violência doméstica e os desafios da compreensão interdisciplinar. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 299-306, jul./set. 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3953/395336257009.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

OLIVEIRA, K. L. C.; GOMES, R. Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 2401-2413, maio, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000500009&lng=en&nrm=iso Acesso em: 04 abr. 2019.

SÁ, S. D. *Características sociodemográficas e de personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica*. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/733>. Acesso em: 04 abr. 2019.

SANTOS, C. M.; IZUMINO, W. P. Violência contra as mulheres e violência de gênero: Notas sobre estudos feministas no Brasil. *E.I.A.L. Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe*, v. 16, n. 1, p. 147-164, 2005. Disponível em: <http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/482>. Acesso em: 30 out. 2018.